

Testemunha foi espancada para acusar os integrantes do MR-8

TRIBUNA 25/11

Durante o sumário de culpa dos integrantes do Movimento Revolucionário-8, realizado, ontem, o bancário João Gonçalves Tavares negou seu depoimento prestado no Inquérito Policial Militar, alegando que foi coagido moral e fisicamente, acrescentando que foi preso porque, na qualidade de funcionário do Banco do Brasil, agência Leblon, esteve na residência de Jorge Medeiros Vale, o "Bom Burguês".

Proseguido em suas declarações, afirmou que "fui espancado para prestar o depoimento que ora me é apresentado pelo juiz auditor", esclarecendo que prestou um outro depoimento. Pediu que este depoimento prestado perante o comandante Laginestra fosse o considerado, mesmo assim fêz restrições a vários trechos, uma vez que "na ocasião em que prestava declarações estava havendo um espancamento que o deixou muito nervoso. Devido ao seu trauma lhe apareceram determinadas manchas sem que até agora pudesse fazer qualquer tratamento adequado.

SUMÁRIO

O Conselho Permanente de Justiça da Primeira Auditoria da Marinha prosseguiu, ontem, o sumário de culpa dos trinta e três réus denunciados na Lei de Segurança sob a acusação de participarem do Movimento Revolucionário-8. Foram ouvidas três testemunhas informantes: o agente de Investimentos Francisco Borges de Sousa Dantas, o soldado Lázaro Roberto Marques Mendes e o bancário João Gonçalves Tavares.

O juiz-auditor Oswaldo de Lima Rodrigues após a audiência marcou para o próximo dia 2 de dezembro às 9 horas a continuação do sumário de culpa, quando serão ouvidas as testemunhas dos oito primeiros acusados.

Após a sessão de ontem no STM, o advogado Augusto Susekind, defensor do "Bom Burguês", anunciou que impetrará naquela Corte correção parcial reclamando certamente de defesa por inversão da ordem no contraditório.

Perante o Conselho Permanente de

Justiça o bancário João Gonçalves Tavares negou seu depoimento prestado no Inquérito Policial Militar, alegando que foi coagido, tendo sido preso porque foi à residência de "Bom Burguês". Confessou que foi espancado pelas autoridades militares e civis para poder depor. Disse que prestou outro depoimento e pediu para que o mesmo fosse considerado, não obstante ter feito restrições em determinados trechos, porque o prestou em condições psicológicas necessárias, pois estava tomando conhecimento de que um outro elemento se encontrava vítima de espancamento. Devido o seu estado nervoso, lhe apareceram manchas, mas não pôde tratar-se até hoje.

Contou que se recusou a se deslocar até a Ilha do Governador, quando soube que se tratava de explosivo. Disse que conheceu o "Bom Burguês" há 5 anos e que é sempre no trabalho se apresentou com cordialidade e gentileza, sendo mesmo entusiasmado pelos negócios. E que foi levado à Ilha do Governador, onde encontrou-se com o "Bom Burguês" com hematomas e com os lábios inchados. Foisou que o espancamento com choques elétricos eram comentados e até mesmo motivo de revolta por parte dos guardas, que isoladamente faziam comentários com os indiciados. Revelou que Jorge do Valle lhe disse haver sido espancado doze dias consecutivos com o médico ao lado. E que todos os indiciados foram espancados.

MARTA

Proseguido em seu depoimento perante o Conselho Permanente de Justiça da Primeira Auditoria da Marinha, disse que viu Marta com os dedos inchados e enfiados, vindo a saber depois que isso fora proveniente de palmatórias. Asseverou que esteve preso na Ilha com Nielse Fernandes e que o viu com o braço na "tipoia". Nielse lhe disse que estava com o braço deslocado porque esteve pendurado no "pau de arara". E que todos os indiciados sofreram espancamentos e que Rui esteve com o torax enfaxado. Falou ao juiz auditor que esteve preso em

companhia de Sebastião Medeiros, Marcos Antônio de Medeiros e Milton Gais Leite, os quais lhe afirmou terem sofrido barbaridades.

CONCEITO

O outro a prestar declarações a termo foi o agente Francisco Borges de Sousa Dantas, tendo declarado que conheceu "Bom Burguês" através de uma apresentação feita por seu irmão, que trabalhava na mesma agência bancária, e que Jorge do Valle se dizia subgerente, gozando de bom conceito como homem de negócio. Revelou que esteve preso na Ilha entre 50 e 60 dias.

A última testemunha, o soldado Lázaro Roberto, disse da venda de uma arma que foi transitada entre o soldado Luís Carlos e o engenheiro Ivens Marchetti.

O advogado Alfredo Antônio Guerschel arrolou, no final do expediente, como testemunhas de defesa de João Manuel Fernandes, os negociantes Harvey João Schiavter e Lambert Shell, residentes no Paraná, no sentido de que sejam ouvidas através de carta precatória.

JULGAMENTO

O Conselho Permanente de Justiça da Primeira Auditoria da Marinha julgará hoje, a partir das 13 horas, Emilio Bonfante Demaria, Hertz Pereira dos Santos, Túlio de Andrade Camizão, Antônio Olavo Sôzinho, Cesário Pordoux de Alencar, Antônio Pinto Barbosa, Pierre da Costa e Silva, Ari Diogo da Silva e Dard dos Santos Marinho, Waidir Gomes dos Santos, Antônio Pereira Neto, Amadeu Almeida de Souza, José Deodoro da Fonseca, Antônio Costa da Silva, João Elias Barbosa, Aristete Ferreira de Melo, Guilherme Trindade Silva Conceição, Edgar Ferreira Antunes, Luís Marcelino da Silva, Luís Maurício Sobrinho, Adão da Silva, Pedro Benedito do Nascimento e Antônio Azevedo Costa, processados por atividades subversivas no Sindicato dos Operários de Náutica, durante o governo de João Goulart e enquadrados na Lei de Segurança Nacional.